

RELAÇÕES DE TRABALHO ENTRE IMIGRANTES E EMPREGADORES BRASILEIROS

O FUNCIONAMENTO DA IDEOLOGIA E DAS RELAÇÕES DE PODER PAUTADAS EM THOMPSON

Kelly Pellizari¹

Antonio Carvalho Neto²

Henrique Roriz Aarestrup Alves³

Resumo: Este estudo aproxima a concepção de ideologia de Thompson (2011) das relações de poder de Foucault (2005, 2010), presentes nas relações de trabalho (RTs) em São Paulo e Mato Grosso. Busca-se compreender os diferentes modos de operação da ideologia e das relações de poder entre imigrantes e empregadores através de pesquisa qualitativa baseada na *Grounded Theory*. Após sucessivas imersões a campo entrevistou-se 57 imigrantes e 17 empregadores destes imigrantes. Os principais resultados da pesquisa apontam que

¹ Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT. Doutora em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-PUC-Minas, professora adjunta da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis – FACC/UFMT.

E-mail: kyp1_pl@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5766718390054957>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5703-6165>

² Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais- PUC-MG. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, professor do Programa de pós graduação em Administração da PUC-Minas.

E-mail: antoniocarvalhoneto1@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2169195614253730>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5439-2845>

³ Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT. Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-MG, Professor do Programa de pós-graduação em Letras da - UNEMAT.

E-mail: henriqueroriz@unemat.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0500060213517646>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1118-4661>

as construções ideológicas parecem se articular de modo a sustentar posições de poder em determinados espaços laborais, enquanto os modos mais frequentes de operação das ideologias são a legitimação, a fragmentação e a reiteração. Estas estratégias de construções simbólicas se modificam de acordo com o posicionamento dos atores no jogo de forças presentes nas RTs.

Palavras-chave: Relações de Trabalho. Aproximações de Thompson com Foucault. Imigração Sul-Sul.

WORK RELATIONS BETWEEN IMMIGRANTS AND BRAZILIAN EMPLOYERS THE FUNCTIONING OF IDEOLOGY AND POWER RELATIONS GUIDED BY THOMPSON

Abstract: This study brings Thompson's conception of ideology (2011) closer to Foucault's power relations (2005, 2010). It discusses labor relations (RTs) in São Paulo and Mato Grosso, Brazil. We seek to understand the different modes of operation of ideology and power relations between immigrants and employers through a qualitative research based on the Grounded Theory. After successive immersions in the research field, 57 immigrants and 17 employers of these immigrants were interviewed. The results point out that the ideological constructions seem to be articulated in order to sustain positions of power in certain workplaces, while the most frequent modes of operation of the ideologies are legitimation, fragmentation and reiteration. These symbolic construction strategies are modified according to the positioning of the actors in the game of forces present in the RTs.

Keywords: Labor relations. Thompson's approximations with Foucault. South-South immigration.

Introdução

A relação entre ideologia e poder se constrói em diferentes perspectivas e áreas do saber, ganhando destaque nos estudos críticos contemporâneos com trabalhos, como os de Fairclough (1989, 1992), Eagleton (1997) e Thompson (2011). Essa relação interessa

a esse estudo no sentido de compreender como as relações de trabalho (RTs) se estabelecem entre seus atores e de que forma o poder é legitimado por um grupo em relação a outro. Observar-se-á como os significados dos discursos desses atores operam para manter as relações de poder. Nessa perspectiva, o olhar com que se pretende abordar a questão das ideologias é aquele adotado por Thompson (2011, p. 17): “tomar o conceito de ideologia separadamente da procura por valores coletivamente compartilhados, redirecionando-os para o estudo das maneiras complexas como o sentido é mobilizado para manutenção de relações de dominação”. Thompson não propõe que os sistemas simbólicos sejam ideológicos em si mesmo, mas discutem em que medida e como as formas simbólicas servem para sustentar e estabelecer relações de dominação em determinados contextos sociais em que são produzidas, recebidas e transmitidas.

Embora Foucault (2010) observe o funcionamento das relações de poder e não centralize seus estudos na ideologia, para ele a ideologia, fortemente relacionada ao poder multivetorial, não tem conotação de elemento universal: “a verdade não existe fora do poder ou sem o poder” (FOUCAULT, 2005, p. 12). Essa relação íntima entre verdade e poder questiona a ideologia como algo que pretende ser verdade absoluta, pois as verdades não são universais e nem naturais, e sim construções de caráter parcial e arbitrário. Deste modo, Foucault questiona a ideologia, ao salientar que ela elimina os efeitos de verdade de um acontecimento que se quer universal, pois se mostra particularizada em determinado tempo e espaço.

Conquanto Thompson adote uma postura de concepção crítica em relação à ideologia, seu estudo “oferece uma base para um enfoque construtivo, em vista da interpretação da ideologia nas sociedades

modernas” (THOMPSON, 2011, p. 44), diferentemente da concepção neutra sobre ideologia, que a caracteriza sem considerar seus efeitos ilusórios ou a apresenta ligada aos interesses de grupos sociais particulares, impelindo um caráter generalizante ao conceito. O teórico tece sua crítica à ideologia enquanto elemento com fim em si mesmo; neste aspecto, suas ideias coadunam com as razões de Foucault.

Outro aspecto que pode aproximar esses dois autores e que se configura como elemento a ser observado neste trabalho, além das relações de poder, é o modo como as formas simbólicas inerentes à ideologia entrecruzam-se com as relações de poder, pois interessa a maneira com que o sentido é mobilizado para reforçar posições de poder em dado contexto social. Thompson (2011) entende que as ideologias são construídas como sistemas simbólicos imbuídos de significados usados e entendidos em contextos sociais específicos. Neste sentido, pretende-se compreender os diferentes modos de operação da ideologia e as relações de poder entre os imigrantes e empregadores em contextos laborais, na medida em que eles figuram como atores das RTs.

1 Os modos de operação da ideologia de acordo com Thompson

Ao considerar que as ideologias são construções que não conseguem explicar a realidade e nem tampouco representar uma verdade unívoca, Thompson (2011) propõe um aparato para que se possa compreender melhor como essa ideologia pode operar ou como esses modos operam de maneira estratégica sobre as construções simbólicas. Dessa forma, o teórico aponta para o critério de

sustentação das relações de dominação como elemento que deve estar presente para que se configure uma ideologia. Sendo assim, não é essencial para esse autor que as formas simbólicas sejam errôneas e ilusórias: “a ideologia pode operar através do ocultamento e do mascaramento das relações sociais, através do obscurecimento ou da falsa interpretação das situações, mas essas são possibilidades contingentes, e não características necessárias da ideologia” (THOMPSON, 2011, p. 76). Assim, Thompson esclarece que o erro e a ilusão não são características essenciais da ideologia, pois não se preocupa em mostrar o grau de falsidade ou de veracidade dos fenômenos simbólicos. Ele reitera o interesse em evidenciar o fato de as formas simbólicas servirem, em dadas circunstâncias, para estabelecer e sustentarem as relações de dominação. O fato de apoiarem essas relações também não implica que sejam fenômenos ilusórios ou errôneos.

Para Thompson, as formas simbólicas, mais do que meramente representações, estão intimamente ligadas às estruturas das relações sociais de modo contínuo e criativo. Nesse sentido, Thompson reitera sua proposta:

Proponho conceitualizar ideologia em termos das maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação: estabelecer, querendo significar que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação; sustentar, querendo reproduzir relações de dominação através de um contínuo processo de reprodução e recepção de formas simbólicas (THOMPSON, 2011, p. 79).

Deste modo, a reformulação proposta por Thompson sobre ideologia contempla três aspectos, a saber: a noção de sentido, o entendimento de dominação e os modos de operação dos sentidos

para manterem as relações de dominação. Thompson insiste que o sentido sustenta e estabelece as relações que busca observar, interessando-se, assim, pelos sentidos das formas simbólicas que se inserem em determinados contextos sociais e circulam neste mundo. Dessa maneira, o teórico afirma que: “por formas simbólicas, eu entendo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles como construtos significativos” (THOMPSON, 2011, p. 79).

Esses construtos significativos, ou ainda, formas simbólicas, de acordo com Thompson, aproximam-se da noção de discurso e de formação discursiva empregadas por Foucault, na medida em que os enunciados se apresentam extrapolados por formulações mais abrangentes, como as práticas discursivas. Ao se observar os “elementos” que contemplam a ideologia, pode-se perceber uma possibilidade de se estabelecer uma relação entre Foucault e Thompson, já que ambos os autores apontam para a multiplicidade das formulações linguísticas e imagéticas sobre determinado tema (FISCHER, 2013).

O caráter significativo das formações simbólicas pode ser analisado a partir de diferentes formas: intencional, convencional, estrutural, referencial e contextual. Para Thompson (2011), esta última indica que as formas simbólicas estão inseridas em contextos socialmente estruturados e que existem diferenciações em termos da distribuição e do acesso aos recursos presentes neste contexto.

A localização do sujeito em meio a determinado contexto implicará em níveis também diferenciados de influência e acesso a recursos, o que significa que ele teria um “poder de dominação” sobre aqueles que não contemplarem as mesmas situações em um dado

momento. Assim, há dominação quando as relações de poder ocorrem de modo assimétrico (THOMPSON, 2011).

Essa questão referente ao sentido e dominação constitui o eixo central da proposta de reformulação do conceito de ideologia por Thompson. A interação entre sentido e poder em circunstâncias da vida social pode servir para explicar os modos de como o sentido sustenta as relações de dominação. A respeito destes modos de operação da ideologia, Thompson (2011) propõe um direcionamento de análise em que apresenta como esses modos de operação podem estar conectados às estratégias de construção simbólicas. Assim, esses modos gerais de operação da ideologia podem representar uma forma compreensível de como os sentidos podem estabelecer e sustentar relações de dominação. Vale salientar que esses modos não são as únicas maneiras de operação da ideologia, e nem mesmo a interdependência entre eles necessita ocorrer: “esses modos podem sobrepor-se e reforçar-se mutuamente e a ideologia pode, em circunstâncias particulares, operar de outras maneiras” (THOMPSON, 2011, p. 81). Essas características das categorias propostas por Thompson (2011) são interessantes, pois não se colocam como elementos rígidos de análise em que o fenômeno precisa ser a eles adaptado. Além disso, dependendo de como as formas simbólicas são construídas, podem ou não servir para estabelecer, manter, subverter ou minar relações de dominação. Desta forma, é necessário que se analise cuidadosamente essas formas discursivas para que se perceba como os sentidos se mobilizam no mundo social para a operação de uma ideologia ou como eles podem delimitar esse espaço.

Apresentar-se-á neste momento, de forma breve, como Thompson compreende cada uma destas categorias, a fim de iden-

tificar suas operações em circunstâncias específicas, em meio às relações de trabalho que envolvem imigrantes. O que se pretende, sobretudo, é perceber o funcionamento das relações de poder entre os atores coletivos das relações de trabalho em meio a sua interação com as ideologias que podem servir ou não para estabelecer, manter, subverter ou minar relações de poder de um desses atores sobre os outros, considerando que essas relações de trabalho sejam assimétricas, conforme pontuado por Dunlop (1993) e Thompson (2011).

Conforme evidenciado por Thompson (2011), a legitimação seria uma das formas de operação da ideologia. De acordo com Weber, legitimar a dominação é torná-la algo justo e digno de ser apoiado. Para ele, afirmações de legitimação aconteceriam amparadas na racionalidade, na tradição e no carisma. Esses fundamentos expressam formas simbólicas e reiteram estratégias de construção simbólica, e uma das estratégias de legitimação é a racionalização “através da qual o produtor de uma forma simbólica constrói uma cadeia de raciocínio que procura defender, ou justificar, um conjunto de relações, ou instituições sociais, e, com isso, persuadir uma audiência de que isso é digno de apoio” (THOMPSON, 2011, p. 82). Outra forma de legitimação é a universalização, pela qual “acordos institucionais que servem aos interesses de alguns indivíduos são apresentados como servindo aos interesses de todos” (THOMPSON, 2011, p. 83). Há ainda outra estratégia de legitimação da ideologia, ou seja, a narrativização, em que a tradição é reiterada por histórias inventadas que passam a ser aceitas: “Histórias são contadas tanto pelas crônicas oficiais como pelas pessoas no curso de suas vidas cotidianas, servindo para justificar o exercício de poder por aqueles que o possuem e servindo também

para justificar, diante dos outros, o fato de que eles não têm poder” (THOMPSON, 2011, p. 83). Dessa forma, contar, recontar e ouvir histórias envolve um processo simbólico que pode criar e legitimar relações de dominação.

A dissimulação também se configura como um *modus operandi* da ideologia, e opera por meio do ocultamento, da negação ou fingimento da inexistência do outro. A dissimulação pode ser expressa por três formas estratégicas: deslocamento, eufemização e tropo. O deslocamento como estratégia de dissimulação opera quando “um termo costumeiramente usado para se referir a um determinado objeto ou pessoa é usado para se referir a um outro, com isso a conotação negativa ou positiva do termo é transferida para os outros objetos ou pessoas” (THOMPSON, 2011, p. 83). A eufemização consiste em despertar uma valoração positiva de uma ação, instituição ou relação social. Já o tropo se refere às figuras de linguagem utilizadas como formas de dissimulação da ideologia. Dentre as que se destacam, tem-se a sinédoque (em que os sentidos têm uma relação de extensão desigual; usa-se uma parte para referir-se ao todo ou vice-versa), a metonímia (que expressa uma relação de continuidade entre os termos) e a metáfora (quando um termo substitui outro por semelhança ou analogia); essas figuras de linguagem contribuem para evidenciar as relações de poder.

O terceiro modo geral de operação da ideologia é a unificação, tida como uma forma que “interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independente das diferenças e divisões que possam separá-los” (THOMPSON, 2011, p. 86). A padronização é uma estratégia da unificação, assim como a simbolização da unidade. As formas simbólicas podem ser unificadas de modo a repedir um pa-

drão aceitável e partilhável. A simbolização, seguindo o pressuposto da padronização, utiliza-se da construção de símbolos atribuídos a identidades coletivas que são difundidas por grupos que visam contínua reafirmação por meio de uma unificação simbólica. Aqui pode-se perceber relações existentes entre as estratégias de padronização, simbolização da unidade e narrativização, pois elas podem atuar de forma interligada. Desta maneira, pode-se entender que a unificação cria e reafirma uma identidade coletiva; suprime as diferenças, estabelece e sustenta relações de poder.

Outro modo de operação da ideologia consiste na fragmentação, a qual possui duas estratégias de construção simbólica: a diferenciação e o expurgo do outro. A respeito desses modos de operação, Thompson (2011) enfatiza que:

Relações de dominação podem ser mantidas não unificando as pessoas numa coletividade, mas segmentando aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes, ou dirigindo forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso ou ameaçador. Aqui, uma estratégia típica de construção simbólica é a diferenciação- isto é, a ênfase que é dada às distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunam e os impedem de constituir um desafio efetivo às relações existentes, ou a um participante efetivo no exercício do poder. Outra estratégia pertinente pode ser descrita como o expurgo do outro. Essa estratégia envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é representado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou expurgá-lo. (2011, p. 87).

O quinto *modus operandi* da ideologia é a reificação. Ele consiste em estabelecer e sustentar as relações de dominação por meio da retratação de uma situação transitória como se fosse permanente, como se sempre acontecesse de maneira atemporal retirando,

assim, o caráter social e histórico do fenômeno. Thompson (2011) atesta que há algumas estratégias de reificação: a naturalização, a eternalização, a nominalização e a passivização. A naturalização como forma de reificação da ideologia acontece quando se desconsidera que as realidades são construídas sócio historicamente. A eternalização tem uma forte ligação com a naturalização, na medida em que os fenômenos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem pensados como permanentes, imutáveis e recorrentes. A nominalização e a passivização como recursos gramaticais também operam de modo a reforçar o caráter reificante da ideologia, pois “elas apagam os atores e a ação e tendem a representar processos como coisas ou acontecimentos que ocorrem na ausência de um sujeito que produza essas coisas” (THOMPSON, 2011, p. 88). Buscam também eliminar referências a contextos espaciais e temporais, uma vez que modificam as construções verbais.

Como bem evidenciou Thompson (2011), os modos gerais de operação da ideologia não são as únicas formas de intervenção da ideologia no terreno social, nem mesmo são atreladas apenas aos grupos dominantes, ainda que sejam mais frequentes neles.

Desta forma, essa pesquisa pretende utilizar esses *modus operandi* para compreender as relações de poder em contextos das relações de trabalho, tendo como um dos atores dessas relações os imigrantes. À luz das teorias preconizadas por Thompson e Foucault sobre ideologia e poder, acredita-se que a percepção de novas nuances nas relações de trabalho promoverá análises mais ricas em significados, promovendo não apenas reflexões sobre as próprias relações de trabalho, mas também das relações humanas de uma maneira geral.

2 Metodologia

Esta pesquisa se ancora em uma perspectiva qualitativa pautada na abordagem da *Grounded Theory*, em sua vertente apreciada por Charmaz (2009). A metodologia proposta compõe-se de um extenso percurso de pesquisa em que os investigadores se propõem construir conhecimentos que posteriormente podem se elevar a teoria a partir das imersões a campo, em um processo de refinamentos constantes de dados e análises sucessivas.

Por meio da *Grounded Theory* desenvolveu-se um estudo ao longo de três anos de imersões a campo em que se presenciou a dinâmica migratória envolvida em diferentes frentes e situações laborais. Esse processo culminou em um estudo mais abrangente entre os diferentes atores coletivos das RTs. O presente artigo se propõe um recorte de um processo de pesquisa mais amplo e apresentará os resultados parciais dada a finalidade a que se destina.

Na construção do percurso metodológico da *Grounded Theory*, os memorandos são figuras centrais extraídas do campo e, após refinados, possibilitam percepções e interpretações mais específicas do próprio campo pesquisado. Este estudo contemplou 35 (trinta e cinco) processos de imersões a campo. Nestes processos aconteciam observações, observações participantes, entrevistas, grupos focais, trabalho voluntário com imigrantes, rodas de conversa, participação e organização de palestras, seminários e congressos sobre a temática migratória, visitas e acompanhamento às instituições que acolhem essa população.

Essas imersões proporcionaram a realização de 57 entrevistas com imigrantes de diferentes nacionalidades e 17 entrevistas com seus empregadores brasileiros. O elemento central, para fins de recorte deste estudo, pautou-se nas interações entre dois dos atores das RTs, os

imigrantes e os empregadores. Assim, o refinamento dos memorandos construídos ao longo das inúmeras inserções a campo constitui-se nas premissas gerais apresentadas no quadro abaixo, que funcionam como chaves de leitura e interpretação para a análise das entrevistas.

Quadro 01 - Compilação dos memorandos da interação dos empregadores e imigrantes

Atores sociais das RTs	Código	Premissas Gerais
Empregadores e imigrantes	EI	Comparação entre os funcionários imigrantes e não imigrantes
Empregadores e imigrantes	EI	Necessidade maior dos imigrantes de manterem o emprego atrelada a vulnerabilidade
Empregadores e imigrantes	EI	Comprometimento dos imigrantes com o trabalho, obediência e respeito à hierarquia organizacional.
Empregadores e imigrantes	EI	Maior relação custo/benefício na contratação de mão de obra imigrante.
Empregadores e imigrantes	EI	Interação entre os funcionários brasileiros e os imigrantes.
Empregadores e imigrantes	EI	Entendimento de que a mão de obra, sobretudo a imigrante, é facilmente substituível nas empresas.
Empregadores e imigrantes	EI	A incorporação do discurso do empregador pelos imigrantes.
Empregador e imigrantes	EI	Importância da atuação de mediadores na contratação de imigrantes em um contexto de dificuldade de conseguirem empregos sozinhos ou por meio de agências que cobram pelos serviços.
Empregador e mediadores	EI	O trabalho de sensibilização de que o imigrante deve ser tratado como um empregado autóctone faz com que muitos empregadores desistam da contratação.
Empregadores e imigrantes	EI	A contratação de novos imigrantes mostra-se sensível ao sucesso ou não da experiência anterior. E o sucesso interfere na permanência ou não do imigrante no emprego.

Fonte: Elaborado pela autora, com dados da pesquisa.

Para efeitos didáticos serão apresentados os códigos utilizados na análise, sendo: empregadores x imigrantes (EI) correspondente a um código criado; recorte (R) é um fragmento de discurso apresentado, fruto das relações de trabalho entre empregadores brasileiros e imigrantes. Os recortes serão numerados ao longo da análise para facilitar a leitura e sua referência no texto.

A compilação de todos os memorandos originados de cada imersão não foi feita de modo aleatório, mas com base na recorrência dos mesmos elementos discursivos apresentados pelos diferentes atores sociais presentes nas RTs. Desta forma, as Premissas Gerais contemplam os enunciados variados que exprimem discursos que relacionam entre si, contados e recontados pelos dois atores em questão.

As interações entre os atores sociais mencionados que se construíram para efeitos desta análise versam sobre uma possibilidade de relações de poder e de trabalho entre os atores, mas não se configuram unívocas e nem isoladas de outras que possam se estabelecer mediante aprofundamento da análise e novos insights possibilitados pelo próprio método de pesquisa adotado. Desta forma, uma vez apresentadas as Premissas Gerais, atendendo aos direcionamentos da *Grounded Theory*, o refinamento de dados do campo já se mostra delineado, apresentando consonância com o que Chramaz (2009) apontou como o surgimento da teoria fundamentada ou convencionalmente conhecida como teoria substantiva. Esta etapa de análise proporcionará, então, não apenas a confirmação do que se postula teoricamente no campo científico, mas também o confronto no campo de ação e, com isso, possibilitar novos pressupostos ou *insights*.

A análise dos dados partiu dos elementos presentes nos enunciados recortados das entrevistas, mas não se concentrará tão

somente neles, pois será observada também a interlocução com outros enunciados ou contextos que se inserem nas mesmas formações discursivas, conforme pontuado por Foucault (2005) e contrapostos as Premissas Gerais que emergiram do campo. Buscou-se, simultaneamente, apresentar como operam as ideologias, sobretudo a do trabalho e suas formas simbólicas, tais como apontadas por Thompson (2011), além do modo como elas podem operar nas relações de poder.

É importante pontuar aqui, que, na análise utilizaram-se alguns dos elementos e recursos da Análise de discurso (CD); no entanto, não se pretende usá-los de forma completa, de modo que se configure uma análise de discurso propriamente dita, mas sim uma análise que se instrumentalizará apenas de parte deste arcabouço teórico, de acordo com as necessidades desta pesquisa. Dessa forma, foram aproveitados alguns conceitos da Análise de Discurso Crítica (ADC), como por exemplo, o de ideologia, para que se possa compreender como se manifestam as relações de poder e sua interação com as ideologias de acordo com princípios de uma análise crítica em que se confrontam e se comparam simultaneamente os dados. A opção pela vertente da ADC se justifica pelo entendimento de que a linguagem deve ser concebida como prática social imbricada pelas relações de poder em que se inserem diferentes ideologias.

Os recortes (R) que serão apresentados na análise foram extraídos das entrevistas com imigrantes e empregadores em diferentes contextos sociais e nas duas regiões pesquisadas, uma interiorana localizada no centro oeste do Brasil que contemplou a Capital Cuiabá em Mato Grosso, e outra no sudeste do país, ou seja, a região metropolitana de São Paulo-SP.

4 Modos de operação da ideologia no jogo de poder entre os atores presentes nas relações de trabalho

Esta análise se ocupa em perceber os discursos que expressam diferentes posições de poder já intimamente demarcadas; no entanto, esses atores exprimem oscilações de posições no jogo de poder. Os recortes analisados a seguir apresentam diferentes temáticas suscitadas pelos entrevistados, e dizem respeito às suas interações em espaços laborais; essas temáticas serviram como chave de leitura e interpretação dos recortes. Observa-se nos recortes abaixo o modo em que os empregadores tecem comparações entre os trabalhadores brasileiros e os imigrantes. Elas não são em si comparações sobre o desempenho de atividades, mas sobre a conduta em relação às relações de poder promulgadas pela relação de trabalho.

(R 01)

Primeiro porque a gente vê que a mão de obra estrangeira ela em com o objetivo de trabalho e a gente acha que pelas condições hoje de CLT o pessoal hoje vem atrás de salário. Então, você tem um giro muito alto de funcionários, eles passam um ano e já querem receber seguro-desemprego, já acham uma maneira de pedir a conta e o imigrante não, ele [imigrantes] vem com vontade de trabalhar. Então, esse foi o diferencial. Porque mão de obra aqui a gente ainda tem, mas o diferencial é que aqui, com tantos incentivos do governo, acabou atrapalhando, ensinou o trabalhador a pedir em vez de trabalhar (ES 05, Empregador de SP. 09 de junho de 2016).

(R 02)

Decidimos empregar imigrantes pela dificuldade de a gente ter fidelidade com nossos funcionários, começou a gente ter uma rotatividade muito grande, em função, por exemplo, de seguro desemprego. Isso atrapalhou muito. A pessoa espera cumprir o período que ela tá trabalhando, pra depois pedir a conta e ficar seis meses recebendo seguro desemprego até arrumar um próximo emprego. (ES 07, Empregador de SP. 09 de junho de 2016).

Ao se observar a interação entre empregador e imigrante narradas pelos empregadores, é possível perceber que suas posições nas RTs são bem demarcadas, assim como os atores sociais que as ocupam. Os recortes (R01 e R02) são carregados de ideologias que se contrapõem umas às outras, reiterando estereótipos em relação aos atores sociais das RTs, tanto dos imigrantes quanto dos não imigrantes. O recorte (R01) acentua que os imigrantes têm mais interesse pelo trabalho do que os outros trabalhadores, justificados pelo enunciado (R02) que indica a possível razão para o aparente desinteresse pelo trabalho do grupo de trabalhadores brasileiros. Esse discurso reitera que a classe trabalhadora do país só busca por emprego, mas não quer de fato trabalhar. Não é proposta deste trabalho discutir a legitimidade destas posições, e sim compreender como o poder circula nestes espaços cercados de ideologias que lutam para adquirir um estatuto de verdade em dadas circunstâncias e espaços em que operam.

As relações de trabalho pautadas pela ideologia dos empregadores é também perceptível no discurso dos próprios imigrantes conforme observa-se nos recortes que seguem, na medida em que eles se percebem como a parte mais fragilizada na relação de trabalho, já que, para que permaneça no emprego, fica condicionada a sua obediência às ideologias do sistema laboral/patronal. Assim, os imigrantes acabam incorporando o discurso do “outro”, ou seja, dos empregadores, como se fosse seus.

(R03)

Todo haitiano que tem que trabaia dileito, poque si non trabaia dileito, otlos haitano non consegue trabaio também. (ES 20, 22 de setembro de 2016).

(R 04)

O relacionamento humano. Vamos dizer assim, tudo que tem de humano, brigas, intrigas, fofoca, coisas de trabalho que às vezes acontece. O que elas têm de ponto forte é a determinação em trabalhar, elas vêm como essa vontade de trabalhar. Elas cumprem a carga horária delas direitinho, chegam no horário, também saem no horário certo. Não tem esse negócio de ficar pra mais do horário. Elas são bem regradas em relação ao horário, isso foi bom pra nós também. (ES 05, Empregador de SP. 09 de junho de 2016).

Nota-se, nos recortes acima, que o cumprimento das obrigações de trabalho é cobrado pelo empregador conforme (R04) e reforçadas nos recortes (R03). A necessidade da relação entre ambos também é evidenciada pelos dois atores em questão; porém, as relações de força mostram-se divergentes. Na retórica do imigrante os elementos presentes no discurso do empregador reiteram a legitimação de uma ideologia já incorporada pelo imigrante, mesmo que os papéis sociais de cada ator pareçam alterados. Essa legitimação como forma de operação da ideologia nas RTs pode ser percebida nos dois recortes acima. Alguns elementos discursivos, conforme se observa nas partes grifadas, demonstram como as construções simbólicas podem manter e sustentar relações de dominação nos moldes pontuados por Thompson (2011). Embora os recortes (R 05 e R 06) ainda apresentem fortemente a comparação entre os trabalhadores brasileiros e imigrantes, conforme já discutido acima, chama atenção o modo como os imigrantes são vistos pelos empregadores, sendo mais resistentes às imposições do trabalho, mesmo ocupando posição de menor poder nas RTs.

(R 05)

É isso, essa vontade de trabalhar eu acho que resume o negócio. Diferente da mão de obra que a gente tem aqui. Não é que o brasileiro não goste de trabalhar, é que a facilidade que ele tem em ganhar sem trabalhar é maior. Então, desestimulou. Porque se o país estimulasse o cara a trabalhar “olha, vai ganhar por produção!”. Mas aqui não, o cara ganha mesmo

parado. Então a vantagem de a gente ter essa mão de obra, é que eles vêm com vontade de trabalhar. Talvez não é que não entendem, é que eles não vêm pensando nos benefícios, eles vêm pensando no trabalho. E o trabalhador aqui, ele pensa no benefício, ele não quer saber o que ele vai fazer, ele quer saber o benefício que ele vai ter. (ES 36, Empregador em Cuiabá-MT, 10 de abril de 2017).

(R06)

Ele nunca fez isso, mas quando a pessoa quer trabalhar e precisa trabalhar, ele tá se esforçando. Eu comprei uma roçadeira novinha pra ele, pus gasolina, pra ele não falta nada, então ele tá...tá é... é fazendo as coisas que tem que ser feitas, bonitinho. (ES 06, Empregador de São Paulo, 09 de junho de 2016).

A disparidade de forças dos atores das relações de trabalho é expressa na reiteração dos empregadores ao afirmarem que os imigrantes têm “vontade de trabalhar”. Essa desigualdade só reforça as necessidades que se colocam diante dos imigrantes, na medida em que eles precisam do trabalho para sobreviver. Deste modo, evidencia-se também a sujeição dos trabalhadores às normas e regras impostas pela ideologia do trabalho.

Ainda que os recortes acima apresentem a reiteração das ideologias do trabalho, reverberadas nos/pelos discursos dos imigrantes, há também formas de resistência, ainda que elas sejam veladas e apresentem força desigual nas relações de poder presentes nas relações laborais, como ilustrado no recorte (R 07).

(R 07)

Como é a relação aqui no seu trabalho com seu chefe? hum... eu não podi responde.

E com seus colegas brasileiros?. eu também não podi responde.... risos.
E lá no seu país, como era, tem diferença? Lá no meu país todo mundo quando trabalha é como uma família, aqui tem que familiarizá pra pode cresce, mas aqui.... risos ... eu não podi responde. (ES 34, 20 de Abril de 2017, em itálico fala da pesquisadora).

A disparidade de força se mostra tamanha que silencia a voz⁴ e as ideologias em favor do imigrante. Esse silenciamento não reside apenas no fato do imigrante se calar, pois simbolicamente pode ser considerado uma forma de expressar sua posição mais enfraquecida nesse jogo de forças e, conseqüentemente, a condição de desigualdade dessas RTs. Nesse sentido, a ideologia do trabalho estaria intrinsecamente ligada às relações de poder, pois é no seu exercício que o empregador suprime a voz do imigrante, conforme se pode perceber (R 07). Dessa maneira, silenciar a voz do imigrante pode ser considerada uma tentativa de calar as ideologias desse grupo social. Constata-se, então, que determinados elementos discursivos presentes nas falas dos imigrantes apontam para a voz do grupo patronal, e não para o grupo social ao qual realmente pertence. Ou seja, as ideologias do trabalho fazem com que o poder seja exercido de forma desigual em favor dos setores patronais ao suplantarem as ideologias dos imigrantes, as quais defenderiam sua posição social, valores e interesses, resultando em falas de imigrantes que veiculam vozes de seus empregadores. Dessa forma, pode-se dizer que o poder não funcionaria sem ideologia e vice-versa, pois toda relação de poder resultaria na tentativa de legitimar uma ideologia perante determinados grupos, assim como a ideologia, em sua ânsia de reconhecimento, entraria em funcionamento nos confrontos estabelecidos pelos grupos e atores sociais que exercem as relações de poder. Essas relações de poder, por se mostrarem muito desiguais, configurariam relações de dominação, na medida em que sua condição multivetorial estaria comprome-

⁴ Considerar-se-á “voz” as ideologias e valores defendidos nas falas dos entrevistados.

tida pela fraca capacidade de reação dos imigrantes e dos grupos que os defendem diante da força descomunal das ideologias dominantes que gerenciam o mundo do trabalho. Nesse contexto, poder e ideologia entram em consonância na construção dessas relações que se fazem não apenas assimétricas, mas também de dominação (THOMPSON, 2011).

Os recortes acima ilustram que as ideologias podem fazer com que as relações de poder se tornem muito desiguais entre os atores envolvidos, além de delinear as especificidades da inter-relação ideologia e relações de poder. As ideologias dominantes, para funcionarem, precisam constantemente legitimar-se como verdades nas relações de poder. O fato de ideologias agirem como se fossem universais para se configurarem como dominantes não seria uma característica única das ideologias, na visão de Thompson (2011). Foucault (2005), ao elucidar a dinâmica das relações de poder e discutir a questão da verdade, mesmo sem abordar a temática da ideologia, permite perceber sua natureza de construto e, portanto, sua condição de verdade artificial e arbitrária. Esse processo de naturalização é identificado por Thompson (2011) como uma estratégia de construção simbólica dentro dos modos de operação das ideologias que buscam reiterar situações transitórias como se fossem permanentes, retirando seu caráter temporal.

As ideologias relacionadas ao trabalho suscitam um emaranhado de questões que estão interligadas com essa dinâmica. Muito antes de se “submeter” a estas ideologias, o imigrante defronta-se com barreiras que irão delinear um contexto de trabalho em que quer ou precisa se inserir. Destacam-se, neste momento, aquelas mais expressivas e que reiteram estereótipos dos atores das RTs observados.

(R 08)

Muito é porque têm dificuldade principalmente as mulheres haitianas, têm muita dificuldade para trabalhar, porque elas têm mais preguiça de aprender o português então não falam nem entendem bem, mas como os homens sempre é a força da casa, os homens têm filho, esposa, os homens esforçam mais para aprender o português, principalmente a chance que eu tinha porque eu falo espanhol (ES 77, 03 de julho de 2018).

(R 09)

Eu só fiquei com a Janete por causa do Gean⁵. Ela é boa pra trabalhar, faz tudo, não reclama, mas eu não entendo nada do que ela fala. Ela tá aqui porque o Gean traduz (ES 78, Empregadora de Cuiabá-MT, 03 de julho de 2018).

Nos recortes acima, pode-se identificar que uma das principais barreiras que afetam os imigrantes no acesso ao mercado de trabalho é o desconhecimento do idioma português. A vulnerabilidade deste imigrante é acentuada pela sua dependência da ajuda de outro compatriota ou de outrem que o auxilie com o idioma, tanto no ambiente de trabalho como fora dele. Pode-se perceber que essas relações de poder estão intimamente vinculadas às condições de comunicação do imigrante, pois se faz evidente a diferença de posição do imigrante que sabe a língua portuguesa em relação ao que não a conhece, ficando este último ainda mais em desvantagem nas RTs. Observar-se que o jogo de forças nesta relação é infinitamente desigual, veiculador de estereótipos e carregado de preconceitos que vão demarcando posições nas RTs.

Se o preconceito também pode ser sentido nos recortes acima mencionados, alguns outros exemplos podem melhor apresentar as faces desta discriminação em relação ao imigrante, muitas vezes reiterada pelos próprios imigrantes. Os preconceitos são vários e vão

⁵ O nome do imigrante foi substituído para garantir sua identidade.

muito além das barreiras linguísticas, incidindo sobre o imigrante por conta dele se configurar como o “outro” nas RTs.

(R 10)

Na verdade aqui na entrevista o pessoal [Missão Paz] não gosta que a gente pergunta questão de religião, mas na verdade essa diferença que a gente tem é mais na parte da religião. Muçulmano, por exemplo, eles têm alguns costumes que são diferentes do nosso, dia de trabalho, dia da oração, tipo de comida. Então, a gente... acaba até evitando de levar [contratar] pra não ter nenhum tipo de conflito dentro do trabalho. (ES 05, Empregador de SP, 09 de junho de 2016).

(R11)

Agora já tem muito haitianos aqui em Cuiabá, e já vem aí os novos imigrantes, agora então ...já fica mais difícil pra nós, porque tem venezuelano também aqui, agora. E eles nem são preto. (ES 44, 10 de Abril de 2017).

(R 12)

Eu preciso sim de um caseiro, daí vim aqui [CPM], eles precisam trabalhar, mas desta vez eu não vou levar [contratar] haitianos. (ES 85, Empregador de Cuiabá-MT, 19 de setembro de 2018).

O preconceito em relação ao “outro” se manifesta nas diferentes dimensões humanas; nos recortes observados ele é direcionado à cor, religião, nacionalidade, etnia, gênero, e não domínio da língua falada. Quando os empregadores dos recortes (R10 e R12) mencionam que não irão “levar”, ou seja, contratar os imigrantes, já se nota o desrespeito em relação a eles, já que o verbo “levar”, nesse contexto, denota coisificação, como se esses trabalhadores fossem objetos. Esse “levar” está atrelado ao fato de o empregador ir até uma instituição de acolhida e “buscá-los” para trabalhar. Esse termo “levar” também se mostra como uma forma de discriminação, pois se percebe que, para o empregador, o imigrante representa apenas uma força de trabalho necessária naquele momento, desconsideran-

do-o como sujeito com história de vida e características humanas. Não é objetivo deste trabalho demonstrar que a sociedade brasileira é preconceituosa e discriminatória em relação aos imigrantes. O que se busca neste momento é pontuar que o preconceito e a discriminação em relação aos imigrantes também permeiam as RTs.

Tomando-se como foco a discriminação e os diferentes tipos de preconceitos em relação aos imigrantes, pode-se considerar que em todos eles há uma necessidade de classificar os imigrantes, seja positiva ou negativamente. Thompson (20011) aponta para o fato de que as relações de dominação também podem promover segmentação de grupos e indivíduos (diferenciação), na medida em que podem ser capazes de se transformar em ameaças reais ou dirigirem forças de oposição aos grupos dominantes, passando a ser considerados como perigosos. Essa fragmentação marcada pela concepção do imigrante como o “outro” situado em lado oposto nas RTs faz-se como uma estratégica construção simbólica de dominação na medida em que realiza um exercício de autoridade, e não de alteridade para compreendê-los, minando sua participação ativa nas relações de poder. Outra forma de fragmentação, menos sutil que a diferenciação, é descrita por Thompson (2011) como o Expurgo do Outro, e, não raramente, foi visualizada nos achados do campo desta pesquisa e retratada em alguns recortes já citados. Esta estratégia veicula a ideia da existência de um inimigo em potencial que precisa ser combatido coletivamente, apontando para a necessidade de união de forças para expurgá-lo. Deste modo, a ideologia dominante se fortalece, na medida em que une atores sociais para propagar seus discursos e mantê-los em determinados contextos. Nos recortes abaixo apresentam-se construções simbólicas que confirmam essas estratégias:

(R 13)

Em Boa Vista percebi muitas vezes essa discriminação e também entendi por que essa discriminação não é minha, por que como a minha esposa está ficando na casa de uma amiga que é brasileira que são pessoas muito boas aqui no Brasil, de bom coração, por que são latinos também. Mas o que acontece é que são muitos venezuelanos que vieram pra cá fazer coisas que os brasileiros podiam estar fazendo e como Boa Vista é pequeno, então por isso muitos brasileiros fecharam as portas (ES 88, 20 de setembro de 2018).

(R14)

No começo quando a gente começou a levar, isso foi muito difícil, porque alguns ficam com aquela ideia de que estão tentando tirar emprego daqueles que estão aqui. Então, o que que acontece, eles faziam com que a gente percebesse falhas no trabalho deles, não mostrava nem uma qualidade “olha, ele não fala o idioma, ele é resistente, não consigo entender”. Mas depois de um certo tempo, o pessoal conseguiu mostrar o espaço, por mostrar que eles vêm pra trabalhar, pela dificuldade que eles tiveram no país de origem, então o pessoal acabou entendendo isso e acolhendo. Mas inicialmente, não teve uma recepção das melhores por parte dos funcionários. (ES 86, Empregador de Cuiabá-MT, 19 de setembro de 2018).

No recorte (R 13), pode-se constatar que o imigrante sabe da discriminação que ele e seus compatriotas sofrem devido à sua condição de estrangeiro e, em seu enunciado, deixa entender que compreende o motivo desse processo. Tanto no recorte do imigrante (R 13) como no recorte do empregador (R 14) são veiculadas construções oriundas do senso comum, destacando-se, por exemplo, que os imigrantes roubariam o emprego dos brasileiros. O próprio imigrante (R054) incorpora um discurso contrário a seu grupo social ao afirmar: “venezuelanos que vieram pra cá fazer coisas que os brasileiros podiam estar fazendo”. Esse enunciado parece justificar a discriminação sofrida pelo imigrante, afirmando, além disso, ter sido acolhido por brasileiros que “são pessoas muito boas aqui no Brasil, de bom coração, por que são latinos também”. Nes-

se recorte percebe-se uma tentativa de justificar a ajuda que recebe pelo fato de serem latinos tanto os imigrantes como os brasileiros, minimizando o peso de ser estrangeiro ao aproximar as identidades em questão. O recorte (R 14) apresenta uma das faces da interação entre imigrantes e autóctones no ambiente de trabalho, ilustrando a discriminação e o preconceito dos funcionários brasileiros ao disseminarem estereótipos em relação aos colegas de trabalho imigrantes, tornando o ambiente de trabalho ainda mais hostil. Neste recorte é possível perceber como se manifestam as relações de poder no ambiente de trabalho ao se confrontar empregados imigrantes e não imigrantes que ocupam posições equivalentes. Conflitos surgem até que se regulem e equilibrem as forças de modo a tornar viável a aceitação de um grupo pelo outro, ou seja, possibilitar que um grupo não veja o outro como ameaça. Nessas tensões reside a sutileza do poder tal qual observada por Foucault (2005). O recorte a seguir pode ilustrar esses conflitos de poder entre os colegas de trabalho brasileiros e os imigrantes:

(R 15)

Quando eu cheguei aqui estava sofrendo muito, qualquer pessoa que eu fala uma palavra lá...já via que eu sou árabe, aí eles acham que é um terrorista, é um bobo, por que se é africano vai falar: droga, Italiano: máfia, jogam isso em você [...].Chefe ele quer trabalho, gerente quer o que o chefe mandou pra ele, então ele não reclamam muito, mas o funcionário não quer que você trabalha no mesmo espaço, aí ele quer quebrar você: eu falo português, ele não fala direito, aí por isso entendeu, é a questão de que cada um que, não sei como falar (ES 71, 05 de junho de 2018).

No recorte, registram-se estereótipos e discriminação realizados por colegas de trabalho contra o imigrante árabe devido à sua nacionalidade. O imigrante constata que os colegas, ao fomentarem

inverdades e características estereotipadas, generalizam atributos pejorativos como se todos os árabes fossem iguais, classificando-o como turista, tolo (poderia ser terrorista, por exemplo), simplesmente por ser oriundo de determinado país. Não obstante sua nacionalidade, o imigrante precisa driblar, no jogo de forças, as reações dos autóctones quando se veem ameaçados por sua presença no ambiente de trabalho; quanto mais o imigrante diminui as diferenças de competências e habilidades profissionais entre ele e seus colegas brasileiros, mais se sentem ameaçados. No recorte (R 15) pode-se constatar esse jogo de poder entre o imigrante e o funcionário brasileiro que ocupam as mesmas posições laborais. O imigrante salienta que, enquanto tinha dificuldade com a língua portuguesa, os colegas não se incomodavam com sua presença; porém, uma vez vencida essa barreira, ele passa a ser assediado, tornando-se equivalente ao empregado brasileiro, já que realizaria suas atividades profissionais tão bem quanto um autóctone. Desta forma, os colegas já não mais se sentiriam em posição superior ao imigrante, o que despertaria alguma reação negativa no espaço de trabalho, como represálias para denegrir sua imagem, por exemplo, com o intuito de o sobrepujarem nas relações de poder.

Considerações finais

As relações de poder imersas nas relações de trabalho reiteram as disparidades no jogo de forças que tencionam a posição dos atores em meio a essas construções simbólicas em que a(s) ideologia(s) sustentam determinadas posições de poder. No entanto, esse jogo de forças, na medida em que se mostra assimétrico e revela o lado mais sensível, realiza-se em situações diferenciadas tais como:

na comparação entre imigrantes e autóctones no que tange as relações de trabalho, na vulnerabilidade social dos imigrantes, no comprometimento dos imigrantes com o trabalho, na interação e conflitos entre imigrantes e autóctones, no aspecto funcional dos imigrantes no trabalho, nas ações dos agentes mediadores que auxiliam imigrantes na busca por trabalho, na igualdade de direitos trabalhistas que inviabiliza contratações de imigrantes, bem como, nos moldes mais expressivos de poder e dominação, a exemplo dos estereótipos, discriminação e preconceitos direcionados aos imigrantes.

Nesse sentido, o trabalho mostra-se como elemento vinculador entre os atores sociais das RTs; as situações mencionadas anteriormente operam como pano de fundo e reiteram a força da ideologia do trabalho diante do contexto contemporâneo. Assim, o trabalho como moeda de troca concentra o poder nas mãos de quem o disponibiliza, promovendo a assimetria nas relações de poder, além de polarizar ideologias: a do empregador dominante e a do imigrante que precisa se submeter às normas e regras do trabalho e do trabalhador para sobreviver diante da lógica do capital.

Ao se observar as construções ideológicas presentes nos enunciados apresentados acima, nota-se que elas parecem se articular de modo a sustentar posições de poder em determinados espaços. Dessa maneira, percebeu-se que a legitimação, a fragmentação e a reiteração (Thompson, 2011) foram os modos mais frequentes de operação das principais ideologias mencionadas, variando de estratégias de construções simbólicas na medida em que os atores envolvidos se posicionam no jogo de forças presentes nas RTs.

Essas discussões trazem, em seu bojo, a questão da força da ideologia do trabalho no contexto social contemporâneo, que conside-

ra arbitrariamente o trabalho como um valor absoluto e naturalizado, além de condição essencial para que a existência dos trabalhadores possa ser considerada digna e tolerada na sociedade. Nas RTs, empregadores e imigrantes encontram-se à mercê da ideologia do trabalho; porém, suas reações se mostram diferentes. O empregador aponta para o trabalho como valor, mas não deixa evidente o fato de depender do trabalho do imigrante, apresentando-se como se fosse apenas um “bom samaritano” que oferta, generosamente, emprego a ele. Por outro lado, os imigrantes apresentam o trabalho como valor e necessidade, assimilando, por vezes, a ideologia do empregador. Dessa maneira, o trabalho, elemento aglutinador dos recortes dessa pesquisa, gira em torno das duas principais ideologias: a do empregador dominante, cuja ética seria aquela que avaliza o capital por ele próprio, e a do imigrante submetido, na qual o capital se mostra como valor principalmente devido às demandas que implicam em sua sobrevivência.

Esta análise sobre as ideologias presentes nas relações de poder não pretende esgotar as possibilidades que o campo oferece, e configura-se apenas como uma singela reflexão oriunda de inúmeras imersões no campo, o qual possibilitou observar, vivenciar e refletir sobre as diferentes configurações das relações presentes em espaços laborais em que circulam os imigrantes.

Outros estudos que abordem as questões ideológicas e investiguem as construções simbólicas, no sentido de buscar compreender esses meios de interação em diferentes espaços sociais e circunstanciais, parecem ser de grande valia para que se amplie o conhecimento das áreas sociais e humanas, bem como podem contribuir a compreensões mais aprofundadas das relações de trabalho em contexto brasileiro.

Referências

CHARMAZ, Kathy. **Convite à Teoria Fundamentada**. Charmaz, Kathy - A Construção da Teoria Fundamentada. Porto Alegre: Art-med, p. 13-28, 2009.

DUNLO, John T. **Industrial relations systems**. Ed. Revisada. Boston, HBS Press. (1º ed. 1958), 1993.

EAGLETON, Terry. **Ideologia. uma introdução**. trad. Silvana Vieira e Luis Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and text: Linguistic and intertextual analysis within discourse analysis**. Discourse & society, v. 3, n. 2, p. 193-217, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. Harlow: Longman Group UK Limited, 1989.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. Organização: Luciano Amaral Oliveira. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, (1 ed. 1978), 2005.

FOUCAULT, Michel. **Do Governo dos Vivos**. Curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos). Tradução/transcrição, notas e apresentação de Nildo Avelino. São Paulo: Centro de Cultura Social: Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era da comunicação de massa**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.